

REFLEXÕES ACERCA DA SONDAAGEM DA ESCRITA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA PROMOVIDA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO¹

Maria Eduarda Pereira da Silva

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia
Universidade Federal do Piauí
eduarda.iig@outlook.com

Ana Cristina de Oliveira Gomes

Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia
Universidade Federal do Piauí
chrisgomes1983@gmail.com

Luciana Matias Cavalcante

Professora Doutora em Educação
Universidade Federal do Piauí
luciana@ufpi.edu.br

RESUMO:

O trabalho a ser apresentado relata a análise e interpretação da sondagem das hipóteses de escrita realizada com alunos em processo de alfabetização em uma escola da rede pública de ensino do município de Parnaíba – PI. Tal prática ocorreu durante as atividades realizadas na parte prática da disciplina de Estágio Supervisionado na Escola II – alfabetização, do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Através desse relato de experiência pretende-se estabelecer aqui uma reflexão acerca das contribuições da realização da sondagem da escrita para a prática docente, servindo também como subsídio para aqueles que pretendem adotar tal prática. A experiência foi importante para a formação do licenciando, pois preparou para a percepção da alfabetização enquanto processo e da caracterização e identificação das fases de compreensão da escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita. Sondagem de escrita. Alfabetização.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta as reflexões acerca das experiências vividas no âmbito das práticas do Estágio na alfabetização, decorrente da disciplina de Estágio Supervisionado na Escola II do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – UFPI/Campus Ministro Reis Velloso, vivenciado em uma das escolas da rede pública de ensino do município de Parnaíba – PI, onde se fez uso do teste de escrita, como ferramenta de sondagem para identificar as hipóteses de escrita dos educandos. O propósito do teste ou sondagem foi identificar as fases silábicas para favorecer o planejamento das práticas de alfabetização a serem adotadas no decorrer das atividades do estágio e atender de maneira eficiente todos os estudantes, em seus diferentes níveis de desenvolvimento.

Advindo dos estudos sobre a Teoria da Psicogênese da Língua Escrita de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, o teste de sondagem da escrita permite ao docente a avaliação e o

¹ Relato de experiência da prática promovida no Estágio Supervisionado.

acompanhamento dos avanços dos educandos na aquisição dos conhecimentos alfabéticos. Os estudos de autoria de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky nos mostram que as crianças são capazes de estabelecer diferentes linhas de raciocínio sobre a escrita, assim como elaborar conceitos e resolver problemas relacionados a este sistema notacional. Segundo Ferreiro (1996, p.24), “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social, mas as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças”. Ferreiro e Teberosky revelam que a criança, à medida que passa a compreender o funcionamento do sistema de escrita, passa também a construir “teorias” que expliquem sua linha de raciocínio, a maneira como essas teorias são desenvolvidas caracterizam as hipóteses de escrita. Para as autoras essas hipóteses podem ser classificadas em: pré-silábica, silábica, silábica-alfabética e a alfabética. Diante disso, este trabalho tem por objetivo a análise e reflexão acerca da contribuição da prática de diagnóstico de escrita nas atividades realizadas na alfabetização.

METODOLOGIA

Este estudo trata-se de um relato de experiência na condução e sistematização de um teste/sondagem de escrita das crianças na turma de 1º ano do Ensino Fundamental. O relato de experiência é um recurso importante para estimular o processo de reflexão crítica sobre a prática, pois impulsiona tanto a avaliação como a socialização de vivências e aprendizados. Relatar a prática significa refletir e sistematizar criticamente os processos vividos, pontuando os ganhos e problemas enfrentados e articulando novas possibilidades de atuação.

A realização da sondagem de escrita se deu após o período de convivência entre os estudantes e os estagiários através da observação participante. Após receber a devida orientação durante as aulas da disciplina de Estágio Supervisionado na Escola II, e munidos de fundamentação teórica necessária para a aplicação e análise dos dados coletados, foi aplicado o teste de escrita e leitura, a fim de que a partir dos resultados pudéssemos traçar as estratégias que seriam adotadas durante as práticas de regência.

No momento da realização do teste as estagiárias acompanharam as crianças individualmente até um espaço fora da sala de aula, enquanto a professora titular continuava a ministrar a aula aos demais discentes. No ato da sondagem, foi entregue a cada criança uma folha onde havia cinco desenhos, um hipopótamo, uma girafa, um gato, uma rã e uma gata brincando com um novelo, foi pedido então que as crianças escrevessem o nome dos primeiros quatro animais ao lado da figura. Nessa prática a estagiária atuou como orientadora, assim seu papel foi orientar as crianças para que escrevessem da maneira como

nomes dos animais. Nesse processo foram observadas as reações das crianças ao escrever e, posteriormente, fazer a leitura da sua escrita apontando com o dedo. O mesmo processo de repetiu no momento em que foi pedido para que as crianças escrevessem uma frase relacionada à quinta figura: *o gato brinca com o novelo*. No último momento as crianças foram orientadas a escrever seus nomes para posterior identificação no momento da análise dos testes. Para facilitar a análise os estagiários fizeram anotações das observações realizadas sobre o desempenho de cada criança.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A sondagem através do teste de escrita foi utilizada como um instrumento de diagnóstico que buscamos apresentar as crianças da forma menos intimidadora possível. Mesmo já havendo uma relação estabelecida entre discentes e estagiários, em alguns casos as crianças se mostraram nervosas ou relutantes em serem “avaliadas”. Dentre os estudantes que participaram e tiveram o teste analisado, 5 crianças estavam na hipótese pré-silábica, a escrita dessas crianças não apresentou na grafia das diferentes palavras um número razoável de letras, elas usaram principalmente as letras presentes em seus nomes. Algumas relacionando o número de caracteres ao tamanho do animal representado – realismo nominal. Para Moraes (2012 p. 55), nessa fase “a criança ainda não descobriu que a escrita nota ou registra no papel a pauta sonora, isto é, a sequência de pedaços sonoros das palavras que falamos”.

Mesmo sendo de nosso conhecimento que todas as crianças são diferentes, por isso possuem maneiras diferentes de perceber, processar e interpretar as situações, as crianças que se encontravam nessa hipótese de escrita apresentaram reações semelhantes durante a execução da sondagem. Todo, esse grupo apresentou insegurança ao escrever, questionando suas ações de escrita antes de executá-las, e uma leitura também insegura, pois já não confiavam nas suas hipóteses, haja vista que o próprio processo de escolarização vem permitindo testá-las e refutá-las.

Do grupo analisado, 7 estudantes demonstraram já o avanço para a hipótese silábica com correspondência sonora. Nesses casos, percebemos a existência da consciência da criança quanto à relação entre as letras e os sons, entendendo a necessidade de uma quantidade mínima de letras para realizar a escrita correta das palavras, assim, a dificuldade maior apresentou-se na palavra monossílabo, *rã*, além disso, apresentaram leitura fragmentada, pronunciando cada sílaba separadamente, e adequada à escrita representada. Desse modo, para Biscolla (1991, p.19), “quando a hipótese silábica se estrutura definitivamente, as crianças necessitarão de letras diferentes para escritas diferentes, letras

diferentes para uma única escrita e uma letra para cada sílaba, não significando, entretanto, que a mesma letra represente a mesma sílaba”.

As crianças que se encontravam na hipótese silábica apresentaram diversas reações ao passarem pela sondagem, apenas duas crianças desse grupo demonstraram segurança ao escrever e ler aquilo que lhe foi ditado. As demais crianças desse grupo em sua maioria apresentaram-se tímidas e inseguras em relação a sua escrita, sempre olhando para os estagiários, procurando confirmação de suas ações e questionando se determinados sons eram de determinadas letras ou sílabas. Essa reação também demonstra que estão testando suas hipóteses e há a percepção de que não corresponde ao esperado pela escola.

Ainda, identificamos 3 discentes na hipótese silábico-alfabética, apresentando indícios de transição de uma hipótese a outra. Essas crianças cometeram ainda erros de grafia, e o “acréscimo” de letras nas palavras é revelador do avanço para a fase alfabética, estabelecendo relação clara entre grafia e sonoridade. Em comparação às outras crianças percebemos que desenvolveram melhor sua consciência fonológica, pois no momento de realizar a escrita, elas refletiram muito mais sobre as correspondências som/grafia. Para Moraes, (2012 p.63), “[...] é preciso ver a etapa silábico-alfabética não apenas como um ‘período de transição’, mas como um período de grande aprendizado das correspondências grafema-fonema. Quanto mais o aprendizado avança, mais curto é o processo de transição”. Nesse sentido, acreditamos que as crianças que atingem a hipótese silábica já se encontram em pleno desenvolvimento da alfabetização.

Entre as crianças também identificamos 4 delas na hipótese alfabética, pois apresentaram em sua escrita a correspondência entre grafia e som, entretanto ainda apresentam uma série de erros ortográficos, o que é comum nesse processo. As crianças nessa hipótese, ao longo do teste, não demonstraram qualquer tipo de inibição ou insegurança em relação à escrita. No entanto, é um equívoco acreditar que a criança presente na hipótese alfabética está definitivamente alfabetizada. A transição para essa condição deixa de ser uma questão não mais de conceitos alfabéticos e passa a ser de regras e convenções do sistema notacional. Para Moraes (2012, p.66), “o aprimoramento da hipótese alfabética, que leva à condição de alfabetizado, ao lado das oportunidades de leitura e de produção de textos, requer um domínio razoável das correspondências entre letra e som de nossa língua”.

Tendo conhecimento do nível de desenvolvimento em que cada estudante se encontrava tornou-se possível aos estagiários uma compreensão das necessidades não só do grupo como um todo, mas também a percepção das necessidades de cada discente em sua individualidade, favorecendo maior qualidade e eficiência no nosso planejamento e nas

práticas executadas. O contato direto com os desafios de leitura e escrita da turma possibilitou a coleta de dados e que serviram como base para definir as ações de intervenção, e até mesmo reorientar a prática no estágio, e também da própria docente titular, uma vez que esta não tinha essa visão concreta do nível de aprendizagem de seus educandos. A partir da realização da sondagem foi possível intervir na reconstrução e superação das hipóteses que essas crianças detinham sobre a escrita, agrupando-as com aqueles que tinham avançado um pouco mais e realizando atividades diversificadas.

É de fundamental importância que o professor saiba diagnosticar e avaliar as falhas de escrita cometida por seus alunos, aproveitando-as como evidência do patamar de saber já atingido e do ainda por atingir. O professor só deve cobrar do aluno tarefas compatíveis com a etapa de saber atingida (LEMLE.1990.p. 42)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi aqui exposto e discutido, o que se conclui e reforça-se aqui é que a realização do teste de sondagem da escrita trás grandes contribuições a prática pedagógica como um todo. A realização desta metodologia gera ganhos em diversos aspectos, possibilitando ao docente o conhecimento a fundo das percepções de seus educandos sobre a escrita, tornando-o apto a repensar sua prática de ensino a fim de trabalhar de forma a melhor atender as necessidades, sanar as dificuldades apresentadas pelos estudantes na sua individualidade. No entanto, apesar de tantas contribuições, como foi o caso da escola onde a experiência aqui relatada ocorreu, muitas vezes a prática da sondagem é deixada de lado pelos docentes, que negligenciam essa ferramenta, tornando o processo de alfabetização muitas vezes descontextualizado, vez que esses docentes podem adotar estratégias que não de aplicam as necessidades daquela turma.

Diante desse contexto, cabe ao docente comprometer-se com a qualidade da formação e do trabalho que executa e que, mesmo diante das condições muitas vezes desfavoráveis em que exerce sua profissão no Brasil, consegue bons resultados no processo de ensino e aprendizagem, pela capacidade criativa e criadora e pelo compromisso político com as classes populares.

REFERÊNCIAS

BISCOLLA, Vilma Mello. **Construindo a alfabetização**. São Paulo: Pioneira, 1991.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

(81) 3332-3002
contato@fipedbrasil.com.br

www.fipedbrasil.com.br

LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do Alfabetizador**. São Paulo: Ática S.A, 1990.

MORAIS, Arthur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos. 2012.